

LÍNGUAS E IDENTIDADES: EPISTEMOLOGIA DA DIVERSIDADE

Patrick DAHLET

(Embaixada da França em Brasília;
Universidade das Antilhas e da Guiana – Isef/Crillash)

RESUMO: O sujeito plurilíngüe é, ao mesmo tempo, estranhamente feliz e infeliz. Feliz, pois experimenta uma fantástica abertura para novas significações e identificações que permitem, justamente, a coexistência e o cruzamento, em sua competência de linguagem, de uma maior profusão de variedades linguísticas e de signos potenciais. Infeliz, pois o plurilinguismo tem por pano de fundo, na maioria das vezes, a despossessão de uma primeira língua e conflitos entre identidades desejadas e identidades prescritas: o plurilinguismo também é sempre o que permanece após o desarraigamento e se conjuga com a perda de um regime de linguagem herdado. Embora possam se autoconceber longe dessas perturbações, ao representar a si mesmas como fonte essencial de felicidade e harmonia, as identidades plurilíngües se definem assim, constitutivamente, pela série de tensões ininterruptas provocadas, na subjetividade, pela imbricação de línguas de parentesco e línguas impostas, percebidas como simbólica e comunicativamente incompatíveis. É no âmbito desta visão intranquila do plurilinguismo que se inscreve a reflexão aqui proposta. a reflexão aqui proposta se inscreve. Baseada na análise de depoimentos de comunidades de falantes plurilíngües do Caribe e das Américas, ela elabora os princípios de uma representação das identidades plurilíngües que, embora reconheça o sentimento de empatia e plenitude que pode amalgamá-las, deixa um espaço determinante para as quebras e (des)agregações de toda a sorte, a que são submetidos os sujeitos na experiência singular de seus plurilinguismos. Esses princípios apresentam-se como referências para uma epistemologia e uma ética da pluralidade que depõe os enquadres por demais monolíngües e idealistas que, geralmente, ainda orientam as visões das composições identitárias plurilíngües e sua construção nas pessoas e nas sociedades. Se as identidades plurilíngües têm alguma relevância, esta se

encontra, afinal, no jogo, sempre reiniciado, de imposições, estremecimentos e aberturas, ao qual sua análise permite assimilar os processos individuais de identificação plurilíngue. E é somente na medida em que forem levadas em conta as experiências de negação e conflitos que articulam esses processos, que as novas identidades plurilíngues poderão tornar-se eixo de sociedades que educam realmente (isto é, que educam sem ignorar as tensões e as regulações destruidoras) para a dependência recíproca das línguas e das culturas na construção de uma universalidade partilhada.

PALAVRAS-CHAVE: Plurilinguismos; Violências; Identificações; Rupturas; Mixilinguismos; Sociedades de reconhecimentos.

ABSTRACT: Le sujet plurilingue est à la fois étrangement heureux et malheureux. Heureux parce qu'il fait l'expérience de formidables ouvertures à de nouvelles significations et identifications, que permettent justement la coexistence et le croisement dans sa compétence de langage, d'une plus grande profusion de variétés linguistiques et de signes potentiels. Malheureux parce que le plurilinguisme se déploie le plus souvent sur fond de dessaisissement d'une langue première et de conflits entre des identités souhaitées et des identités assignées: le plurilinguisme c'est toujours aussi ce qui reste après l'arrachement, et se décline avec la dépossession d'un régime de langage hérité. Même si elles peuvent s'auto-concevoir à l'abri de ces perturbations, en se représentant comme un foyer essentiel de bonheur et d'harmonie, les identités plurilingues se définissent ainsi constitutivement par la série de tensions ininterrompues que creuse dans la subjectivité l'imbrication de langues d'affinités et de langues obligées, perçues comme symboliquement et communicativement incompatibles. C'est dans l'espace de cette vision intranquille du plurilinguisme que s'inscrit la réflexion proposée ici. Fondée sur l'analyse de témoignages de communautés de locuteurs plurilingues de la Caraïbe et des Amériques, elle dégage les principes d'une représentation des identités plurilingues qui, tout en reconnaissant le sentiment d'empathie et de plénitude qui peut les souder, fait une place déterminante aux brisures et aux (dés)agrégations de tous ordres, dont les sujets font l'épreuve dans l'expérience singulière de leurs plurilinguismes. Ses principes sont posés en références pour une

épistémologie et une éthique de la pluralité qui fasse éclater les cadres trop souvent monolingues et idéalistes qui orientent encore les visions des compositions identitaires plurilingues et de leur mise en place à l'échelle des personnes et des sociétés. Si les identités plurilingues ont une pertinence ultime, elle se trouve dans ce jeu de contraintes, d'ébranlement et d'ouvertures, toujours à relancer, auquel leur analyse permet de ramener les processus individuels d'identification plurilingue. Et c'est à la condition de prendre en compte les expériences de négation et de conflits qui articulent ces processus, que les nouvelles identités plurilingues pourront devenir le pivot de sociétés qui éduquent réellement, c'est-à-dire sans ignorer les tensions et les régulations destructrices, à la dépendance réciproque des langues et des cultures dans la construction d'une universalité partagée.

MOTS CLÉS: Plurilinguismes; Violences; Identifications; Coupures; Mixilinguismes; Sociétés de reconnaissances.

1 INTRODUÇÃO: QUESTIONAR O FI(LTR)O SUBJETIVO DAS LINGUAS

Hoje, as línguas ocupam cada vez mais gente no mundo e cada vez mais o mundo. E quando digo “ocupam”, não quero apenas dizer que cativam a atenção e sim também enfatizar que elas influenciam com seu poder e se apoderam do corpo social e individual de forma cada vez mais manifesta.

Evidentemente, este fenômeno, que podemos neste estágio concordar em chamar de plurilingüismo das pessoas e sociedades, não tem nada de novo. O plurilingüismo chegou até os homens ao mesmo tempo que a faculdade de se articular em linguagem. Não, a novidade não é a realidade do fenômeno plurilíngüe, tampouco sua extensão e sim a consciência tomada a seu respeito e o interesse de (re)conhecimento que suas manifestações suscitam, tanto político quanto social e educativo.

Mas o que é que sabemos de verdade sobre estas manifestações quando ordenam a vida das pessoas e comunidades, e de que forma

podemos atuar na educação para que os contatos de línguas no âmbito dos sujeitos encontrem seu espaço, um espaço valorizador e valorizado, que lhes atribua um papel de referência heurística na socialização da linguagem das populações escolares?

Aqui, gostaria de apontar algumas pistas de reflexão para contribuir da melhor forma para compreender o que está em jogo na constituição plurilíngüe das pessoas e quais são as possibilidades de correlação entre a dinâmica deste jogo e os registros políticos e educativos. Fá-lo-ei privilegiando não a função comunicativa, que costuma guiar o ensino das línguas, e sim a função identitária, que molda os sujeitos nas línguas com as quais estão em contato. De entrada, podemos dizer que isto é também uma forma de afirmar que nenhuma regulação lingüística (quer remeta ao sistema da própria língua ou de suas normas sócio-históricas) escapa à filtragem e reconstrução do imaginário e intimidade dos locutores. Ao evidenciar o filtro subjetivo, suas fantasias bem irreais e seus incômodos bem reais, serei levado a evocar os princípios de uma reformulação epistemológica que associa, à constatação da diversidade lingüística e cultural, a exigência de uma política e educação da pluralidade que produzem desequilíbrios desta diversidade; e sabemos que tais desequilíbrios podem ser terrivelmente mortais.

De forma concreta, minha reflexão passará por duas grandes etapas. Primeiro, partindo da análise de algumas práticas plurilíngües e suas representações relatadas pelos sujeitos, desejo ressaltar as grandes modalidades e funções da construção lingüística das identidades, quando estão no cruzamento de várias línguas e culturas, enfatizando a incorporação de seus cruzamentos na narração dos sujeitos, isto é, a retroação da subjetividade sobre as práticas. Em seguida, a idéia consiste em integrar as observações anteriores na demarcação de alguns conceitos relevantes para traçar, para o político e o educador, uma epistemologia da diversidade que rompa com os contextos excessivamente monolíngües e idealistas que ainda orientam as visões do plurilingüismo e sua implantação na escala das pessoas e sociedades.

2 A AMARGA PÁTRIA PLURILÍNGÜE

Conforme anunciei, nesta primeira etapa, a intenção consiste em qualificar globalmente os usos plurilíngües dos sujeitos e seus discursos sobre estes usos. Os dados são provenientes de produções escritas e entrevistas obtidas junto a locutores bi/plurilíngües do Caribe (principalmente Antilhas francesas e Haiti) e América Latina (em particular Brasil, México e Guiana francesa). O grupo de entrevistas conduzidas revela condutas plurilíngües variadas e variáveis, com formas de aparição de existência sobre as quais não pretendo me ater aqui. Mas ao longo dos depoimentos, evidenciaram-se pelo menos quatro grandes propriedades, comuns aos modos de figuração das identidades plurilíngües. São quatro pontos nodais que designam o sujeito para ele e para os outros através estes usos, que caracterizarei daqui em diante sucessivamente.

A primeira propriedade que apontarei define, no sentido literal do termo, o próprio nóculo potencial ou efetivo de qualquer prática plurilíngüe; sem suas realizações, esta prática praticamente não aconteceria. Trata-se da *alternância de línguas* nos discursos bi(pluri)língües, ou seja, a passagem regular de uma língua-discurso para outra que, desde o início, faz desta prática uma coleção de contatos ininterruptos, à imagem destas amostras de mensagens internet de jovens bilíngües franco-brasileiros: “donc je me suis assise sur la muraille et j’ai regardé le por do sol, c’est magnifique vraiment” (Lol, 16 anos); “elle ne rit pas vraiment et c’est un peu embêtant parce que ela nunca se solta sabe! mais bon !” (Lol, 16 anos); “notre première réunion est lundi e eu to muito empolgada” (Gala, 19 anos); “La semana dernière j’ai fêté mon anniversaire !!! lotei um bar inteiro!! il y avait Puc, lycée, muita gente, foi demais !” (Gala, 19 anos); “On est allés à la escola do salgueiro /.../ a gente assistiu à apuração dos pontos là, e a salgueiro ganhou !!! on est resté 2 heures en train de danser !!! foi muito bom” (Gala, 19 anos). Assim, a mistura, a alternância e as línguas híbridas constituem o pano de fundo e a atividade discursiva central das identificações plurilíngües, como observa Julien Constance, policial francês, de forma tanto prática

quanto reflexiva: “a gente se diz bom dia em crioulo [so’w fê bagay konsa] e depois a gente vai se dizer então tá tudo certo há invariavelmente uma mistura de ambas”.

Os parâmetros, formas e funções de tais alternâncias foram amplamente estudados (LÜDI, 1987; PY, 1992; LÜDI E PY ET AL, 1995; LÜDI, 1999; CASTELLOTTI E MOORE, 1997; CASTELLOTTI, 2001; LÜDI E PY, 2002; PORQUIER E PY, 2004; CASTELLOTTI E MOORE, 2005; VASSEUR, 2005; MOORE, 2006). Vale apenas lembrar, no rol dos parâmetros, o peso do contexto (social ou educativo, o grau de compartilhamento do saber plurilíngüe e a orientação das mudanças de línguas conforme o interlocutor e/ou o locutor). Dentre as formas de alternância encontramos as marcas transcódicas (decalques, empréstimos, interferências, alternâncias de códigos, formas e seqüências híbridas). E temos na lista de funções, claro, a compensação de algum conhecimento ausente em uma dada língua, como também todas as figuras dialógicas de acomodação e ajuste recíprocas do sentido (tradução, duplicação, reformulação, solicitação de colaborações, reparação ou ratificação da compreensão), imprescindíveis nas situações de troca que não sejam mais definidas por sua homogeneidade lingüística.

Isto dito, nenhum destes recursos de estruturação plurilíngüe da comunicação do investimento identitário que sua mobilização envolve e significa. Gostaria de me deter nesta função identitária e simbólica, mais do que comunicativa, da dinâmica de aproximação e distanciamento das línguas que gera o sujeito plurilíngüe, já que, da transação para o concerto, a labilidade e os efeitos de (in)consistência dos movimentos de alternância fazem necessariamente com que a prática plurilíngüe seja uma experiência particular – e sempre especialmente íntima – da construção e negociação de si face aos (e com os) outros.

De fato, nestas alternâncias de geometria variável, o que está sempre em questão é a simbólica (im)previsível de um *entrelaçamento identitário* e/ou a elaboração de uma comunidade de (re)conhecimentos, sempre ameaçada (ou pelo menos que sempre se sente ameaçada) pela inquietude, pela implosão ou pela dissolução de uma coerência

totalmente provisória, o que leva então o sujeito a se resgatar, para tentar se reencontrar, em um novo ciclo de alternâncias, correspondendo a novas demandas de reconhecimento e negociações identitárias.

Neste sentido, pode-se dizer que à ausência de um idioma unificado corresponde uma capacidade de se mover, entre realizações comunicativas e línguas modificadas, para se firmar no espírito do tempo e local: “há situações ++ em que você será mal visto se desejar se expressar apenas em francês + há locais e lugares + em que se você só falar francês vão te achar pomposo e pedante” (Julien Constance, policial da Martinica); “tudo depende do contexto /.../ com certas pessoas haverá uma atmosfera que fará que bom realmente é melhor falar em francês e daí /.../ apenas cinco minutos depois, estarei em um contexto em que /.../ mas não aí eu vou falar crioulo por que eu sinto que bom mas há um elo de ofício que vai se criar na verdade bom, pois bem se /.../ para fazer determinados procedimentos para obter certos lances /.../ pode ser uma vantagem de *o fato* que você fale crioulo entendeu” (Sonia, bilíngüe crioulo/francês). A gente se dá bem conta, além de que a prática lingüística do momento pode visar não apenas comunicar, mas também identificar (cf. o enfoque final sobre *o fato* de se relacionar para o mundo em crioulo, mais do que o próprio teor comunicativo da relação), que seu uso pode se dar tanto por um símbolo quanto um bem, em cumprimento à crença proverbial: *ter é ser*.

Desta forma, isto nos remete às ambigüidades e ambivalências concretizadas pela (des)concertação plurilíngüe das identidades: uma luta corpo-a-corpo, em maior ou menor grau de conciliação e suavidade – “Un moment donné on parlait de Bush et lui il dit [Buiz] et j’ai pouffé de rire et j’ai du mettre ma main devant ma bouche pour ne pas cuspir” (Lol, bilíngüe francês - brasileira), bem ou mal, entre vergonha e orgulho de suas línguas de discurso – “meu pai é surdo mudo /.../ eu era pequena eu estava, bem, em uma loja de Pointe-à-Pitre /.../ então eu falei com meu pai através de SINAIS e ele me deixou bem claro que eu não teria NADICA de nada /.../ então eu pedi /.../ para minha mãe EM inglês será que então eu podia ter esse

brinquedo /.../ na verdade ela me disse NÃO também e daí, bem, o fato de ter utilizado a LINGuagem de surdos-mudos e o inglês para mim isto aTenuou minha vergonha isto Ñ acabou com ela viu isto isto ñ cabou comigo mas isto bem/isto ATenuou a vergonha” (Julita Jean, trilingüe inglês / crioulo / francês) – e entre apreensões do isolamento e da integração: “Mas é aqui é assim até brasileiro com brasileiro brasileiro que mora aqui há muito tempo é preconceituoso /../ eu faço faxina lá na EDF /.../ chegou uma brasileira e disse bonjour ai bom dia falei para ela bom dia ela disse para mim assim mesmo TUDO EM em francês hein não /.../ uma BRA-SI-LEIRA e falando crioulo comigo” (Margarida, imigrante brasileira, Saint-Georges do Oiapoque).

Todavia, vale notar que a instauração de uma discursividade de alternâncias de línguas não é incompatível com o sentimento íntimo de uma incrível hibridação subjetiva dos sistemas presentes e de seus valores. É o caso de John, franco-brasileiro que vive na Matinica, quando ele se volta para a prática da linguagem:

“Quando eu penso às vezes eu digo palavras em português como palavras em francês, ou seja realmente é que há, não sei se podemos compreendê-lo, mas é assim ou seja francamente não há diferença, virou uma língua o francês e o português”. Eis aí um exemplo notável em que o sentimento da unidade construída é tão forte que a mistura se torna uma única língua no espírito do locutor; novamente, rastro talvez desta busca pela língua única que assombra a aventura humana (ECO, 1994), aqui observável contra qualquer expectativa no centro da mais aparente desordem.

Restaria a seguir o rastro do discurso de línguas mutáveis nas posteriores recuperações comunicativas e identitárias dos sujeitos, por exemplo quando uma língua de identificação contra uma outra se alegoriza a tal ponto que perde seu nome (como o uso desonrante, na citação acima, do *francês* retomado como se fosse *crioulo*); seguir o rastro do discurso sobre si, as línguas e a relação entre os três, cristalizados pelas alternâncias, na dialética das pressões que incorporam.

Neste perspectiva, ao longo das trocas individuais e coletivas, falar e se falar consiste em (re)compor um quadro de identificação entre-línguas, sem que se deva ou possa escapar às regras que lá descobrimos estarem construídas. A mistura é sempre nossa mistura e a deles também. É na alternância e no emaranhado de seus significantes que re-exercemos nossas atribuições comunicativas e identitárias: “em Montpellier onde me confundiam com frequência com árabe”, conta Erikan, nacional das Antilhas, “um dia um jovem me abordou falando árabe como não compreendo esta língua eu eu não dava muita atenção a este jovem que me que me chateou que me criticou de renegar minha raça e então tive que falar com ele em crioulo para mostrar a ele que eu não era árabe e sim das Antilhas”.

Tanto relato quanto narração da relação de identificação que ela visa, a agregação plurilingüe abre e protagoniza assim sempre uma via de identificação entre várias possibilidades, um enunciado ou uma língua bem mais do que uma ou outra, um enunciado e uma língua com uma ou outra. Mas pressentimos nos argumentos de Erika, onde a alternância assume a forma de dever (“*tive* que falar crioulo”), que a mediação, pontes e passagens que advêm da mistura configuram um espaço de tensões e conflitos de identificações.

Chegamos assim à segunda propriedade do desafio plurilingüe das identidades. Não correspondendo mesmo a composições eufóricas e pacificadas, a trama plurilingüe das identidades é, na maior parte de tempo, feita de conflitos e contradições de maior ou menor violência e desestabilização. Claro, há plurilingües felizes. São aqueles que, ao combinar competências comunicativas e identificações positivas com os repertórios lingüísticos e culturais de duas ou mais comunidades, convertem suas vivências plurilingües em um potencial harmonioso de auto-estima e auto-realização no âmbito das sociedades às quais pertencem. São sempre bem-sucedidos, tanto no campo da fábula, da ciência quanto do discurso ordinário.

Por parte dos criadores, não faltam consagrações do plurilingüismo como arte de melhor se contar e melhor coincidir com a consciência que é possível ter de si e do mundo. Sabemos que Julia Kristeva (2000, p.67), por exemplo, cujo idioma nativo era o

búlgaro, falou de seu vínculo total com o francês: “Nas fronteiras das minhas percepções, um imperceptível tremor procura pela língua francesa [...]: de corpo e alma, vivo em francês”. E também Natalio Hernández (2000, p.8), que foi presidente da associação dos escritores indígenas no México, declarou: “La relación de armonía interior entre el español y el nahuatl, me llevó a descubrir que la diversidad cultural y lingüística es la mayor riqueza con que cuenta la humanidad hoy en día”¹.

O locutor da linguagem cotidiana também dá numerosos depoimentos deste sentimento de coincidência fundamental, como John, por exemplo, jovem franco-brasileiro, que afirma que “para mim, na minha cabeça, o francês e o português se tornaram uma só língua”. Já a franco-chilena Ana Maria considera que “eu penso que minha língua continuará sendo o espanhol, mas é com prazer que adoto o francês como segunda língua”. E há também o franco-crioulo Julien Constance, policial da Martinica que diz do crioulo e do francês que “são duas línguas no âmbito das quais eu evoluo à vontade, bem à vontade”.

Porém, a despeito de qualquer formulação acerca de um plurilingüismo bem sucedido intimamente, é preciso admitir que os locutores que conseguem administrar com serenidade seus deslocamentos lingüístico-culturais não são mesmo majoritários. Para que esta conciliação plurilingüe possa ser alcançada, é preciso haver uma conjuntura sócio-lingüística favorável e/ou um fortíssimo desejo de integração. Ora, um contexto deste tipo é pouco freqüente. O que encontramos e sabemos pertencer a um mesmo movimento é tanto o plurilingüismo quanto a distribuição hierarquizada das línguas, funcional e subjetiva; ou seja, a disponibilização de algumas delas para usos dominantes e completos, enquanto outras se destinam a usos parciais e restritos.

¹ Tradução: A relação de harmonia interior entre o espanhol e o nahuatl me levou a descobrir que a diversidade cultural e lingüística é hoje a maior riqueza à disposição da humanidade.

Há línguas marginalizadas por toda parte e, conseqüentemente, locutores discriminados, por serem oriundos destas línguas e não raro dominarem apenas parcialmente a língua oficial considerada obrigatória para ter acesso à escolaridade e fazer valer sua cidadania (e quando esta dificuldade não existe, a coletividade dominante pode fingir que pensa que existe). Em San Martín Alto, vilarejo quéchua a 3300 m. de altitude na cadeia andina equatoriana, o envolvimento dos agricultores com a produção de subsistência de quinoa orgânica é um sucesso no país e no mercado internacional, graças às oportunidades do comércio justo. Porém, nas assembléias tradicionais de debate e tomada de decisão realizadas na comunidade, animadas por um presidente do vilarejo eleito anualmente e onde a afirmação da cultura indígena – eis que também digo “indígena” – é uma realidade premente, quando é questão de roupas tradicionais, lã escura e colorida, casas de terra seca calorífugas mas que desaparecem, preservação dos solos, presença da televisão, também se fala *sobre* a língua quéchua, muito mais do que *em* quéchua.

Estas desigualdades sócio/cognitivo/funcionais dos componentes plurilíngues produzem então identidades que se caracterizam, no melhor dos casos, pela insegurança ou referências flutuantes, como o ilustra com muita precisão esta reflexão de José Ramírez, mestre maia: “yo no sé como hablar bien mi lengua, de mi lengua, como bien evaluar las performances de mis alumnos, y aparte en español tampoco”².

Mas além da preocupação daqueles que não se sentem em casa em nenhuma de suas línguas, a hierarquização das línguas que resulta da experiência plurilingüe pode constituir uma mistura que no melhor dos casos é confusa e pode até desestruturar e destruir, sendo feita de tensões contraditórias, segregações e combates.

Uma análise de dois fragmentos de auto-representações de plurilíngües basta para demonstrar, se preciso fosse, a profundidade

² Tradução: “não sei como falar bem minha língua, sobre minha língua, como avaliar direito o desempenho dos meus alunos; e tampouco sei em espanhol, aliás.

e as torções desta dissonância. São os depoimentos do supracitado Julien Constance e M. Labonté, ameríndio Palikur e líder comunitário de Saint-Georges do Oiapoque na Guiana francesa.

O discurso singular de Julien sintetiza de forma cativante a forma como a dificuldade de um registro bilíngüe pode se expressar. Da fato, Julien Constance, que acabamos de ouvir nos garantir sua felicidade bilíngüe, franco-crioula, nega no mesmo discurso que o francês o simbolize: “o francês não é minha língua, o francês não é minha língua, o francês vem da Europa, eu não sou europeu, em momento algum eu sou europeu, no pensamento talvez, mas não nos fatos”. Enquanto isto, para a questão de saber em qual língua é mais fácil para ele se expressar, dá a resposta seguinte, tão brutalmente oscilante: “é nas duas, as, as duas, ah, é incontornável e, e, eu diria o francês porque nós falamos tanto francês durante milênios que, ah, às vezes eu, eu, eu falo crioulo em francês, eu afranceso o crioulo, o que quer dizer que o, o francês é a língua na qual me expresso melhor, pronto, por vezes agrido meu crioulo em benefício do francês” (*os elementos de oralidade foram conservados, bem como nas demais citações*). Ao longo das perturbações paradoxais desta resposta, onde a língua aceita, quer seja crioulo ou francês, é também de forma irredutível a língua destituída, de uma história apagada pela outra, podemos ver a que ponto o processo de identificação plurilíngüe pode se revelar como oclusão ou sutura de conexões impossíveis ou assujeitadoras, associadas ao desestabilizante sentimento de duplicação de si mesmo, ou até de esquizofrenia subjetiva, por ser fundada na carência, aqui a carência do crioulo, embora esta carência não alimente sempre o desejo.

M. Labonté dá outro depoimento sobre os vazios e não-ditos acerca das origens e da estigmatização social retomados, com maior ou menor gravidade, em uma trajetória plurilíngüe, quando esta estoura na urgência e precariedade de uma migração, quer interna ou externa. De fato, dentre as quatro línguas que fala (palikur, crioulo, francês e português), sem contar as versões compostas originadas nestas, M. Labonté diz que é “o francês que ele acha mais bonita”, embora considere que ele “não consegue falar francês”. Apesar de dominar

muito bem quatro línguas, dentre elas o francês, M. Labonté não se considera um sujeito falante deste tal francês, que afinal ele fala, como se neste quesito sua história tornasse sua identificação insatisfatória, esgotante e impossível, algo revelado na ruidosa ambigüidade de sua forma de se reivindicar plurilíngüe: “apesar a gente, a gente é índio, mas a gente fala várias línguas sem ter escola”. Aí vemos que o desejo por uma língua – “eu, eu digo sempre eu sonhei para o francês” acrescenta aliás M. Labonté – e a qualidade notória de ser pelo menos quadrilíngüe, algo que foi aliás conquistado sem auxílio de nenhuma instituição educativa e do qual se poderia esperar transições positivas, continuam remetendo a uma imagem de si marcada pela dúvida e desapropriada do domínio que o sujeito se deu sobre sua própria história.

Entre o racional e a fantasia, entre a graça e o espanto, sabemos que estas carências originam saberes paradoxais, tais como aquele que surge quando Yolène anuncia que “mesmo se minha filha não fala crioulo, ela SABE que esta língua existe”, que por sua vez podem trazer oclusões irredutíveis, quando se trata de aceitar que aquilo que se tornou vazio não poderá mais se preencher; é algo que podemos pressentir na tão desconcertante confissão de Regina, filha de família brasileira que nasceu há 14 anos na Guiana, mencionado em destaque do dossiê: “Minha língua, é o brasileiro, só que eu não (o) conheço”. Na outra ponta da desconstrução, um eco estranho pode ser ouvido; é a famosa lamentação de Derrida (1996, p.18): “A única língua que eu falo não é a minha, tampouco alguma língua estrangeira”. Percebemos que a consistência identitária de uma língua, para um indivíduo, pode ser de tal força que justifique a permanência de um vínculo consubstancial em face de um saber desgastado ou da própria ausência de qualquer saber.

Assim, os rastros identitários que as práticas plurilíngües deixam são, na maioria das vezes, os rastros da matéria viva dos sem-palavras e daqueles que padecem de seus idiomas. Semi-atordoados, semi-lúcidos, sofrendo sem deixar transparecer e desta forma aparentemente indolentes, rindo até do que os incomoda, os locutores plurilíngües transitam muitas vezes por uma névoa de forças

esmagadoras que ao mesmo tempo negam; a pressão plurilíngüe se torna então a origem de um trauma. Daí este universo de discurso entre gato e rato que confirma as entrevistas que pude realizar com eles: cenário identitário impreciso, quadro subjetivo instável, conhecimentos plurilíngües divididos entre aquilo que a opinião diz deles e alastrados até o torpor daquilo que mesmo assim sabem de todas as línguas que incorporam.

Este saber multilíngüe que os locutores plurilíngües trazem consigo, inclusive os que mais foram afetados pelo espalhamento de sua cultura lingüística, delimita a terceira propriedade da agregação identitária plurilíngüe, que delimito a seguir. É a reflexividade, não raro aguda, sobre a linguagem, sobre si e sobre os outros, que distingue o discurso dos locutores plurilíngües. É como se seu esfacelamento, indo até a destruição, entre agregados lingüísticos de qualquer natureza, de contornos indefinidos e em constante mutação, induzisse um cuidado assíduo para o universo dos discursos e uma consciência particular do processo lingüístico da identidade. A análise das biografias da linguagem que pude realizar indica que todos os sujeitos atribuem a seu discurso uma função reflexiva determinante. Haveria muito que comentar sobre a expansão, o significado e as flutuações desta função reflexiva. Aqui, darei simplesmente conta disto evocando três características.

A primeira estabelece tanto sua causalidade multifatorial quando seu âmbito imperativo. Neste quesito, pode-se afirmar que não são as normas sistêmicas internas a cada língua e cultura isolada que constituem o objeto e motor desta reflexividade; é sim, de forma incontestável e permanente a relação entre línguas, ou melhor, a relação cognitivo-linguagem que os sujeitos mantêm com as realizações, desejadas ou impostas, inclusivas ou exclusivas, de seu capital plurilíngüe em suas próprias práticas. Aqui, a regulação do uso das línguas não é apenas um objeto fundamental do pensamento; é também o objeto de um pensamento que questiona o fenômeno sob um duplo ponto de vista. Trata-se das causalidades do vaivém do uso das línguas co-presentes no comportamento de linguagem dos sujeitos, conforme indicam os dois comentários a seguir, feitos por bilíngües

crioulos/franceses: “Eu pensava em francês – eu brincava em francês – eu / eu / eu queria me explicar algo eu me explicava esse algo em francês – eu excluía o crioulo compl / quase completamente” (Marjorie, haitiana, 18 anos); “Os pais ah falavam com a gente em francês né os pais falavam conosco um pouco francês crioulo mas a gente tinha que responder em francês” (Yolène Charles Edmond, Martinica). Além da inclusão nesta reflexividade das figuras de tensão induzidas pela desigualdade das trajetórias sociais das duas línguas envolvidas, podemos notar que este pensamento dos usos nutre o questionamento de um outro vínculo problemático: nada mais, nada menos do que o vínculo da relação entre as palavras e o pensamento, ponto de maior preocupação da tradição filosófica ocidental, que sabemos estar obnubilado pelo hiato possível entre as palavras e coisas e o déficit de percepção ou realidade que pode acarretar: “não sei EU PENSO + acho mesmo que é com crioulo que eu penso melhor ++ mas aí bom ah ++ AÍ ESTÁ O PROBLEMA ++ é verdade que não é toda hora que eu penso em crioulo +++ é PENA aliás” (Yolène, Martinica). Não estando submetidos à formatação do pensamento em uma única língua, os locutores plurilíngües acabam necessariamente interrompendo a naturalidade do vínculo entre uma língua e o pensamento, com os excessos até os quais esta fantasia pôde e pode levar, apresentando línguas mais legitimadas do que outras para o pensamento. Pode-se até lançar a hipótese, se assumimos a recorrência de fórmulas do tipo “eu penso minha língua”, no caso aqui “eu penso em crioulo” (cf. acima Yolène), que a prática plurilíngüe, ao explorar as dificuldades de pensar em uma o outra língua, contrastando com a visão expressivista clássica que reduz o discurso a um instrumento de transmissão de um pensamento previamente formado, incentiva seus sujeitos a considerar o discurso como pivô de formação de qualquer pensamento. De qualquer forma, notaremos que o local do pensamento desejado (aqui o crioulo) não é, em nossos exemplos, o local no qual ele se realiza e que a válida (aqui o francês). Notou-se também que a identificação deste local não tem nada de claro ou inusitado, emergindo como o resultado de um processo subjetivo de uma extrema labilidade, que corresponde a

um “eu penso em crioulo sem pensar em crioulo”, tem o não saber como pano de fundo (acima, Yolène: “eu não sei”), desconhece as fronteiras de línguas e é vivenciado por cada sujeito nas mais profundas intimidades de línguas.

Isto me leva ao segundo traço distintivo desta reflexividade, que remete à busca e construção pelos sujeitos daquilo que possibilita a troca plurilíngüe, diante das turbulências e vertigens de suas práticas. De fato, todos os locutores ouvidos buscam a forma de ir além daquilo que sentem como um esfacelamento (quer se trate de fragmentação ou alienação) para estabelecer áreas de compatibilidade tanto entre suas línguas quanto com os outros, áreas que sejam também áreas de segurança para eles. Os caminhos trilhados são diversos. Porém, podemos dizer que dependem globalmente de três tipos de atividades reflexivas.

Por um lado, sobre as atividades de aproximação das línguas no âmbito dos sujeitos que as incorporam, cujo jogo complexo e cujo delineamento de possibilidades de apropriação que perfilam já foram amplamente estudadas (cf. os trabalhos de LÜDI E PY, em particular), conforme ilustrado pela seguinte convicção de John (franco-brasileiro, 20 anos): “eu penso que pessoalmente o francês e o português se parecem muito”, o que demonstra uma vez mais que não há definições de línguas que não sejam filtradas por seus sujeitos. Um segundo caminho remete à validação de um conjunto de acomodações contratuais, face às quais deveriam se regular os intercâmbios plurilíngües, sob pena de se dissolver na incompreensão ou no solilóquio. Provavelmente, a eficácia de tais ajustes está em questão nestes depoimentos de uma adolescente franco-brasileira em imersão de inglês em Malta: “Ylenia quando ela me vê ela me diz nem bom dia /.../ Então a próxima vez eu vou dizer a ela hey ou alguma coisa assim” ou então “Charlotte falava muito, mas só em maltês. E quando finalmente ela parou, eu perguntei para ela em inglês e Ylenia respondeu e disse: she’s shy, hhihihi. Mais c’était même pas vrai, je suis sûre pq a menina era muito extrovertida, animada e engraçada” (Lol, 16 anos). O terceiro caminho, ele tem por base uma concepção da racionalidade lingüística que, contrapondo-se à idéia

corrente de que uma língua adquirida, antes de tudo a língua materna, o é para sempre, implanta um modelo mais aberto, ativo e transicional da competência lingüística, que a torna indissociável de um trabalho de reapropriação constante do sujeito e, de quebra, do sujeito por si próprio. Novamente, é o que John ilustra tão bem, este jovem franco-brasileiro, quando afirma, ao regressar da Martinica para o Brasil, sua “vontade de querer reaprender ah o português corretamente para que a gente + a cada vez ter que ajudar” e que, para tanto ele recorre, em um primeiro momento – vale mencioná-lo pois se trata mesmo de uma articulação reflexiva original do contato das línguas – a correlações de facilitação inéditas, tais como aquela que o leva a redescobrir a palavra meia que ele tinha esquecido para dizer “nove e meia” (horas) pedindo a seu primo brasileiro, com todo um gestual, qual era mesmo o termo que queria dizer meia (de calçar) em português!

Isto dito, qualquer que seja o alcance comunicativo desta atividade reflexiva dos locutores plurilíngües, e já que eles existem como intérpretes de vários mundos ao mesmo tempo, é mesmo a função identitária ou de identificação da cruzada das línguas em sua vivência que aparece neles como um objeto de busca e reflexão recorrente. É a quarta e última propriedade, talvez a mais pregnante, da reflexividade dos sujeitos plurilíngües que eu queria destacar. A afirmação desta dimensão identitária (perfis que ela apaga, impõe, autoriza ou inventa, desejos e temores que ela expressa, pontos de resistência ou transgressões que ela inspira) nos remete novamente ao discurso de todos os sujeitos plurilíngües. Esta afirmação da correlação de uma língua e de uma identidade pode ser explícita: “sou crioulo” (Julien Constance, policial da Martinica); “eu sei simplesmente que o ++ ah ++ / meu crioulo faz parte da minha identidade isto me define enquanto pessoa e me permite de me :: de me posicionar também” (Erika, Martinica).

Vale notar de passagem três elementos-chave desta coincidência declarada de uma língua e de uma identidade, nem que seja por que eles alimentarão um dos axiomas que serão propostos mais adiante. Primeiro, é que a identidade de si se reivindica a partir

de uma apropriação pessoal – logo aberta, a suas flutuações (cf. “meu crioulo”) — desta entidade abstrata e fechada que chamamos de língua, que conseqüentemente aparece mesmo, no que tange a necessidade de identificação, como um produto que depende da atividade dos sujeitos que nela se inscrevem e não como uma realidade por si só. Em seguida, é que esta apropriação do crioulo tem natureza mutável, passando de uma definição concebida em termos pessoais, por meio do uso do possessivo meu, para uma indexação na ordem da intimidade pela mediação de isto. O uso de isto é notável, já que ao confundir o crioulo com uma referência identitária e uma sensibilização íntima, ele afirma que os motivos desta incorporação não podem ou não devem ser explicitados, poupando-a de certa forma de qualquer legislação ou prescrição oficiais. O terceiro elemento a ressaltar é que esta fusão do crioulo com a identidade é tão falada quanto fantasiada, já que a identidade erguida aparece como uma única (cf. minha identidade), ao passo que o mesmo sujeito se encontra em seguida incorporado a perfis identitários diversos que rompem este limite uniforme: “tive que falar com ele crioulo para mostrar a ele que eu não era árabe e sim das Antilhas” (Erika, Martinica).

Além da explicação da fusão de uma língua e de uma identidade, seu envolvimento constitui uma constante entre os locutores plurilíngües. Dentre tantos outros, é o caso nestes dois pontos de vista a seguir “há situações com os ricos ++ este pessoal não fala crioulo + este pessoal condena sua língua materna ++ e se você vem falar crioulo ah você não é mais ouvido você é até rejeitado no limite + porque de você era esperado outra coisa” (Julien Constance, policial da Martinica); “normalmente, os haitianos deveriam pensar em crioulo / eu penso em FRANCÊS” (Marjorie, 20 anos, haitiana). Estes dois depoimentos são exemplares, na boa medida, da reflexividade sobre si e sobre os outros que o uso de uma ou outra língua acarreta em situação plurilíngüe. Expressar-se em crioulo ou francês consiste em enunciar, a cada vez, uma forma de distância ou proximidade de si, do outro e do mundo, desencadeando uma reflexão sobre esta experiência cheia de atropelos e ambigüidades da dependência da imagem de si perante condutas lingüísticas cuja

norma e valor são regulados no exterior de si. Daí a preocupação que aflige Marjorie quando ela se descobre, si, inteiramente envolvida com um pensamento dado como indevido (“normalmente, os haitianos deveriam pensar em crioulo”), embora ela não nos diga se este é indesejado. Some-se a questão central induzida por esta perturbação: como pensar e dizer uma relação para a outra língua, quando dominamos várias, sem vê-la imediatamente como a fonte onipotente ou onifrágil desta relação.

Neste balançar, podemos avistar conflito e reflexividade após a alternância, que são o quarto nóculo subjetivo do envolvimento plurilíngüe das identidades, sobre o qual quero chamar a atenção do leitor. Ele depende daquilo que eu chamaria de fantasia da unidade: uma fantasia reguladora por meio da qual, como para esquecer a contingência e as desordens aleatórias de suas identidades esparramadas entre várias línguas, os sujeitos (re)fabricam de forma tanto prática quanto simbólica uma língua unificada e, conseqüentemente, uma identidade unificada. No horizonte de construções lingüísticas e identitárias flutuantes, garantindo a possibilidade estratégica de poder escaparem delas se afirma o núcleo duro, inabalável e feliz de uma língua de sonho, suporte de uma comunicação e identidade indivisível.

Assim, diante da língua deles franceses se afirma a língua de nós crioulos, com emoção e tenacidade tão amplas quanto é restrito seu campo de competências. Marco da perda do idioma identitário e sentimento de se perder com ele, a falta volta na forma de desejo em um cenário que, de certa forma, exacerba a existência de uma língua lendária: “Nada disso! o verdadeiro bretão, é aqui que vocês encontram, é na Finisterra” (Yves, 55 ans, bretão do Morbihan).

Se afundamos assim no labirinto das filiações e ascendências, assoma-se o imaginário do verdadeiro local da língua suprema que nunca podemos (re)encontrar mas que está sempre no horizonte, língua das origens capaz de traduzir tudo por ter sido poupada das avarias do tempo; ela junta instantaneamente e neste mesmo movimento as palavras às coisas: para este aluno anglófono, *écrabouiller* é fazer um cozido de caranguejos (em francês, *crabe* = caranguejos e

bouillie = caldo) e para aquele professor brasileiro que o explica a seus alunos, a *éclipse* é trançada de cliques. (cf. *sur l'articulation du réel à l'imaginaire*, Dahlet, a publicar).

Digamos logo que entre, de um lado, o imaginário como relação de (des)conhecimento indefinidamente intim(iz)ado por A Língua na qual ecoa a *lalangue* lacaniana, a “soma dos equívocos” (1973, p.47), e de outro, a ideologia na forma apresentada por Althusser (1976, pp. 67-126), como relação de (des)conhecimento indefinidamente historicizado em minha língua e nas línguas, a fronteira é drasticamente porosa e tênue: “*Francês é uma língua diferente interessante. Apesar de eu não saber nada*”³.

Para qualquer locutor, especialmente aquele que está em déficit de uma língua, há fatalmente um local em que a língua tem mais êxito, mais êxito do que a dele. Querer alcançar a consciência de si através da consciência de uma língua perfeitamente realizada é, na verdade, a busca de qualquer sujeito dividido para sempre pelo(s) efeito(s) de linguagem(ns) que formulou Lacan (1966, p. 292), desta vez no plural. É também a consciência de qualquer cultura européia pós-Babel, ou até inteiramente do gênero humano, nessa perpétua “busca pela língua perfeita” que descreve Umberto Eco (1994).

A compensação, vale notar, pode se exercer também de forma retroativa. Quanto mais nos afastamos da energia matricial da língua primitiva — “Las plantas, los animales, los productos del campo, las estrellas, el cosmos, todo, absolutamente todo, tenía un nombre y una relación con nuestra vida social comunitaria. /.../ toda la vida social de la comunidad transcurría en la lengua nahuatl, mi lengua materna”, atesta Natalio Hernández (2005)⁴, menos ela se hiperboliza, desvinculando língua e sujeito de si próprios e de sua origem mística, esgotados após vagar por entre as línguas dos outros.

³ Rubem, aluno de Francês Língua Estrangeira, Oiapoque, estado do Amapá.

⁴ Tradução: As plantas, os animais, os produtos dos campos, as estrelas, o cosmos, tudo, absolutamente tudo, tinha um nome e uma relação com nossa vida social e comunitária. /.../ toda a vida social da comunidade acontecia em língua nahuatl, minha língua materna.

Destituída de sua pegada de origem, a língua decai da sua lenda. Basta o leito de um rio para esta decadência. Em Saint-Georges, na margem guianense do Oiapoque, que a separa do seu país, Margarida, imigrante brasileira, vivencia seu português de origem contaminado pela suspeita: “aqui as pessoas falam mete mete mete eles é só assim que eles usam essa palavra mais pra pornografia /.../ mete a gente quase não usa /.../ no Brasil /.../. Por isso que eu falo as vezes o português aqui fica até ridículo”

Que reverenciem o estado primeiro ou desprezem o estado segundo de sua língua, são numerosos locutores plurilíngües que convertem, intencional ou não, sua prática translocada em alucinação para, bem ou mal, se pensar ajudado por fronteiras mais firmes. E é provável que sejam trabalhados em permanência por esta tensão entre a aderência inutilizável das primeiras palavras e a adesão usante ao longo das novas palavras, que deve reparar a renúncia do modelo lingüístico e identitário antigo e preparar um modelo futuro, na arriscada modalidade da aposta, porque seus contornos ainda estão indefinidos e que os sujeitos e sociedades sabem principalmente o que este modelo não pode mais ser.

O plurilingüismo é mesmo, na escala dos sujeitos, um processo estranho e dissonante que, quando abordado no dossiê muitas vezes monocórdio da comunicação, traz para sua problemática toda importância de seu dialogismo. É a amarga pátria plurilíngüe.

3 AUTORIZAR A PLURALIDADE

O que nos foi revelado a partir do discurso de plurilíngües, acerca de suas práticas e realizações identitárias? Ora, fundamentalmente, que contrastando com uma dada visão eufórica, ou até angélica e muito difundida do plurilingüismo representado como espaço de harmonia, entendimento e enriquecimentos pessoais e mútuos, a vivência plurilíngüe encarna, para a maioria de seus sujeitos, um espaço de enfrentamos e fissões. Dentre as representações que costumam ser difundidas sobre as virtudes do plurilingüismo e

para as quais todos nós tendemos a aderir por força das coisas e de nossas convicções, sou tentado a dizer que elas funcionam de forma ilusória: descrevem um plurilingüismo crível, portador de felizes mudanças (intercompreensão, tolerância, paz), silenciando os conflitos de intensidade variável (desde a perturbação até a destruição, passando por cada grau de violação) cujas práticas plurilíngües pesam na identidade dos sujeitos.

É preciso levar em conta a vivência destas tensões, pois ela depende em boa parte do reconhecimento das identificações plurilíngües como pivô da nossa história e é dela que podemos esperar integrações plurais no futuro. Conceber as identidades plurilíngües na escala das pessoas como pontos de tensões, potencialmente conflituais, aumenta as chances de aproximar a adesão plurilíngüe, ao invés de afastá-la. Alcançar seus graus de violência na realidade de suas práticas consiste talvez em se dar os meios de começar a pensar de que forma o gozo pode vencer a violência da relação. Mas à sua maneira, com esta posição e o estudo das biografias plurilíngües que a argumentam, impera uma releitura crítica de qualquer concepção insidiosamente unitária e discriminante da lógica combinatória das identificações plurilíngües e de seu reconhecimento educativo e político. Na essência, esta perspectiva leva a repensar em profundidade a estruturação e o sentido de duas noções articuladoras – identidade e diversidade – se queremos tornar plausível o advento de plurilingüismos de reconhecimentos recíprocos. Por trás da sofisticação das alternâncias plurilíngües interacionais e da complexidade dispersante das identificações que envolvem, as fronteiras das línguas e sujeitos são mesmo questionadas, levando a rever em profundidade nossas concepções sobre identidade e diversidade.

Hoje, no que tange a noção de identidade e considerando os processos de produção das identidades plurilíngües que observamos, eu tenderia a compreendê-la mediante três axiomas.

O primeiro axioma afirma que a identidade, antes de qualquer papel social e cultural que possa significar, é primeiramente o produto de uma relação subjetiva com a língua. As línguas articulam o

apossamento identitário do sujeito. Contrapondo-se à idéia de que a linguagem e as línguas que a atravessam seriam apenas uma tradução para os outros de uma identidade de si pré-composta, para além das palavras que a dizem, por todas as figuras sociais e culturais de um sujeito em uma dada sociedade; contrastando, portanto, com esta visão que podemos chamar de expressivista da linguagem, difundida hoje ainda, argumentamos que o fato identitário é primeiramente um fato lingüístico e que a identidade se forma na materialidade de um discurso. Fundamentalmente, a trama de si (a de si para eu e a de si para os outros) é a trama de uma identidade de língua-discurso, produzida por e contra os agregados de línguas de todo tipo de contornos voláteis que formam os sujeitos. É a prática discursiva plurilíngüe configura um campo de reconstrução analítico próprio à identidade do sujeito moderno.

A afirmação que acabamos de fazer sobre a volatilidade das fronteiras das línguas vivenciadas pelos sujeitos leva à formulação de um segundo axioma. Distanciando-nos das concepções essencialistas e sua – como sou tentado a dizer – secularização, por intermédio de coerências políticas e culturais unireferenciais (o modelo francês da integração republicana e o poder da língua da república neste modelo), deve-se admitir que a identidade não funciona de forma idêntica, nem no tempo e nem no espaço. A identidade é desprovida de permanência, substância e unicidade. Não há sequer substrato ou núcleo que garanta a manutenção e o trabalho ininterrupto de uma raiz autêntica de si, além das mudanças. Com definiu Max Weber, a “*identité nada mais é, do ponto de vista sociológico, que um estado das coisas simplesmente relativo e mutável*” (1913; 1992, p. 331). Porém, se consideramos o processo semiótico plurilíngüe da identidade, somos obrigados a superar a imagem de um *estado das coisas*, inclusive transitório, porque mencionar um estado deste tipo não nega a idéia de um núcleo essencial e sedimentado do eu. A incorporação da identidade nos deslizamentos indefinidos dos sinais de uma língua para a outra acentua decisivamente sua fragmentação, por definição semiótica, conectando-a com as criações inéditas dos sinais e línguas em um espaço plurilingüístico de significação identitária

híbrido. Assim, os agregados aleatórios de línguas-discursos caracterizam a identidade plurilíngüe como identidades em disseminação, sempre em formação ou se desfazendo.

Assim, o princípio fundador das identidades passa a ser a identificação. E este é o terceiro axioma que proponho. Cada depoimento que citamos anteriormente atesta, cada um melhor do que o outro, que a identidade no singular não apenas desaparece na descontinuidade de identidades pluralizadas, como também que as identidades do sujeito plurilíngüe são definidas através de um esforço, constante e agônico, de resgate através de suas línguas e reapropriação de si mesmo através da conexão com a associação de suas palavras. Este trabalho dissolve a noção de identidade em favor da noção de identificação; ou melhor, de reidentificações, incessantes, evanescentes e provisórias, profundamente nutridas pela necessidade de poder se remeter a si e aos outros, apesar dos desregramentos dos limites do sentido, do mundo e da subjetividade, acentuado pelo sentimento de descentralização de um sujeito que existe nas conexões de várias línguas. Não restam dúvidas de que o si aparece aqui como um processo e não como uma estrutura, por ter sido elaborado literalmente nas formas e temporalidade das congruências/divergências discursivas plurilíngües, na forma de efeito recontextualizado – e não causa – destes deslizamentos de línguas. Revezada, fragmentada e eternamente deslocada por estas alternâncias, a subjetividade não é mais nenhum mistério ontológico, não podendo ser assimilada ao polimento de uma representação totalizante. Se algum mistério há, ele se deve à estranha impressão de liberdade e criatividade que os sujeitos plurilíngües podem apresentar, até em meio às perturbações e esmagamentos impositivos de suas recomposições identitárias de uma língua para a outra. Poderíamos considerar todas estas reidentificações como momentos, obviamente imprevisíveis, de acordos semânticos entre si, os outros e o mundo. Eu ficaria tentado a dizer que não é nada disso, restringindo a possibilidade de tais harmônicos, tendo em vista as considerações das biografias plurilíngües que acabamos de examinar, por discordar de duas formas.

A primeira corresponde aos conflitos que regulam estas identificações. Não podemos desprezar o fato que seus diferentes termos, em sua maioria, se encontram em uma relação de desigualdades (ideológicas, cognitivas, funcionais e subjetivas) que inibem a discórdia. Vale notar que isto contesta firmemente um dos mais antigos pressupostos da lingüística, a saber, que a linguagem e a língua que a traduz sejam um tesouro universalmente compartilhado e abrigado do vagar de suas condições de (re)produção lingüística: sabemos que Saussure (1983, p.30) define a língua como “um tesouro acumulado graças à prática da palavra nos sujeitos pertencentes a uma mesma comunidade” e que Chomsky (1971, 42) considera que “a teoria de uma língua /.../ descreve de forma correta a competência intrínseca do sujeito indígena ideal [...] que [...] não é afetado por condições não-relevantes no plano gramatical” (Id, *Ibid.*, p.12). Neste sentido, acredito poder seguir até a caracterização das identificações plurilíngües como algo que é, para muitos –os mais numerosos – uma forma de desapego e ruptura do si, por meio de uma prática lingüística enunciada em substituição de uma primeira língua desprovida de ofício público, ou até envolvendo a renúncia prática da própria idéia da língua. Então choramos o afastamento da língua próxima, detida em uma função íntima ou comunitária restrita, quando ela não possui estatuto oficial no país, ou quando ficou no país deixado pelos imigrados. E, muito embora identidades de várias línguas sejam riquezas potenciais, seus locutores têm um sentimento de desqualificação: ou não encontram uso para suas línguas e coerência para suas identidades, ou eles arranjam empregos desqualificados que não correspondem àquilo que poderiam esperar de seus ganhos lingüísticos. Segue-se uma desesperança que pode acarretar atos de violência lingüística contra si e contra os outros.

A segunda discordância remete àquilo que um sujeito pode enunciar sob efeito de sua associação primária, no sentido freudiano do termo, com nódulos de línguas que o enunciam sem que saiba, além de seu alcance, no limite de suas bifurcações. Não é preciso ser bilíngüe para se ver tomado contra sua vontade por um movimento de identificações bilíngües. Entre muitas provas possíveis, podemos

lembrar esta turista francesa, uma amiga minha, em nada lusófona que, estirada na famosa “segunda praia” da ilha de Morro de São Paulo, me confessa no final do dia que não gosta muito deste lugar, apesar de sua reputação, porque “somos toda hora abordados” (“nous sommes tout le temps assaillis”). Tratar-se-ia aqui de um julgamento banal apenas, não fosse a praia em questão justamente caracterizada pelo fluxo de um vaivém considerável de jovens vendedores de *açai* que não param de prolongar o anúncio de seu produto, ritmando-o à maneira de um jornalista esportivo que canta, tão longamente quanto, o *gol* que acabamos de assistir. Eis alguém que transformou involuntariamente o saboroso *açai* em indicador objetivo de uma abordagem (em francês, “assaillir”, significa “abordar”), a tal ponto que assumiu a figura identitária daquilo que não é (“on est *açai*” = “somos abordados”). O problema vai bem além da simples intencionalidade de nossos atos de linguagem e envolve o próprio princípio do funcionamento do significado e da forma como *a gente* é significado.

É preciso repensar a noção de diversidade sob a ótica destes processos de identificações que emergem em discordância e que são transitórios no entrecruzamento subjetivo das línguas que as formam. Garantir uma diversidade que assuma um sentido na história da linguagem de cada um pressupõe distinguir a diversidade, como estado, da pluralidade como projeto (DAHLET, 2004). É este o sentido do princípio desta distinção conceitual que proponho para concluir.

Só podemos falar de pluralidade quando pelo menos duas unidades, coletivas e diversas coexistem. Assim entendida, a pluralidade é definida como uma exigência de composição da diversidade. Portanto, sua elaboração só pode corresponder a um projeto político que a distinga da diversidade como característica construtiva da vida.

A diversidade é, de fato, uma *diversidade radical*, estando literalmente na raiz do mundo. Mas de que diversidade estamos falando? De tanto aproximar a diversidade lingüístico-cultural e a diversidade biológica, corremos também o risco de tomar a primeira

ao modo da segunda: como um bem mercantil a ser explorado. Naturalizadas, as diferenças culturais se tornam então, no melhor dos casos, comércios do imaginário e das indústrias da cultura, que as indiferenciam, elas e suas comunidades de origem; e no pior dos casos, tornam-se deficiências simbólicas que apagam progressivamente estas comunidades com suas estruturas de expressão.

No final de contas, a distinção da diversidade e da pluralidade se faz necessária para desnaturalizar a diversidade lingüístico-cultural. Enquanto a diversidade é um dado da natureza e das espécies, que por si só pode funcionar na destruidora modalidade da lei da selva, a pluralidade é uma escolha feita pela humanidade e as sociedades. A este respeito, registramos que a diversidade qualifica a condição constitutiva da vida, biológica e humana, ao passo que a pluralidade designa a incorporação da diversidade lingüístico-cultural (e sua primazia sobre a biodiversidade), no âmbito de uma política de projeção e supervisão de interações equilibradas e recíprocas entre as identidades lingüístico-culturais que dão ao mundo seu sentido de mundo humano.

No âmbito do dispositivo político da pluralidade, a noção de *pluralidade (co)operante* designará assim, mais especificamente, as ações que se focalizem nos corretivos imprescindíveis a aplicar na unidirecionalidade dos fluxos de intercâmbio e na desigualdade dos espaços e meios de identificação resultantes para as pessoas e comunidades.

Hoje, na medida em que uma política de pluralidade deve imperativamente estar voltada para uma *pluralidade operante*, vemos que a pluralidade inclui o pluralismo, não se resumindo à coexistência das diferenças (que podem, aliás, ser indiferentes umas às outras), embora suponha simultaneamente multiplicar os pólos de identificação de cada comunidade e priorizar o fortalecimento das capacidades de intercâmbio com o exterior, línguas e culturas marcadas por déficits de reciprocidades.

Na base de todas as práticas de comunicação e identificação plurilingües, a reavaliação das noções de identidade e diversidade almeja o surgimento da demanda por reconhecimentos que, antes

delas, inviabiliza tais práticas. Lá onde o objetivo comunicativo/acional busca a possibilidade de comércio concretos entre coletividades e locutores, aproximados pelo conhecimento recíproco de suas línguas, a *lógica reconhecimento* mobiliza a relação dos locutores para as línguas que (d)enunciam e que, ao iluminar os resgates de suas identidades, pode contribuir para significar o que se deve influenciar e refletir nas apropriações comunicativas, de forma a encarnar e acrescentar *identidades abertas*, na hora em que autismos imperiais e/ou fundamentalistas de todo tipo tentam barrar o horizonte.

. CONCLUSÃO – DO PLURILINGÜISMO ATÉ OS MIXILINGÜISMOS EDUCATIVOS

Divididos entre vidas e comunidades polimorfas, instituídas ou inéditas e que podem se combinar ou contrapor, as pessoas e sociedades devem sempre jogar entre o envolvimento e a retirada em cada uma destas esferas de pertencimento. Sem dúvida, este é o preço que se deve pagar, tanto para ter um ego reconciliado, quanto para viver juntos. Mas é também uma garantia, a única disponível talvez, contra a visão orgânica e mutiladora de uma hiperidentidade, global ou local, única.

A observação das preocupações e tensões dos locutores plurilingües mostrou que o plurilingüismo não se autoregula, ou seja, a hegemonia de um mercado das línguas controladas por uma ou mais línguas gigantes não regula e sim destrói o capital lingüístico e cultural das pessoas e comunidades. Quando a única consideração do benefício que o uso de uma língua e a concorrência exacerbada podem trazer são deixadas a esmo, elas criam não apenas injustiças e desigualdades, mas até catástrofes. É preciso impor limites para ao plurilingüismo do mercado, restrições que impeçam o sacrifício das línguas que supostamente não trazem nada. Este é o objetivo do conceito de *pluralidade operante*: tentar valorizar as línguas e culturas de forma cooperativa e evitar as derivas mortais de sua concorrência, isto é, de uma diversidade mais poderosa que outras. Isto pressupõe

políticas que guardem certa distância perante qualquer projeto de sociedade e língua gigante para defender a reciprocidade dos fluxos de conhecimentos e comunicação, sistemas educativos que enfatizem o valor daquilo que circula e se mistura apesar das fronteiras e do prazer de transgredi-las.

Nada acessória e não podendo ser reduzida a um mero acidente, bem pelo contrário, a mistura individual e coletiva constante das línguas e identidades viabiliza o pleno funcionamento da linguagem comum como significante sem fronteiras: nunca fora do campo do imaginário e sempre inserido em um movimento intersubjetivo que muda o discurso das línguas e (des)faz as identidades que se encarnam e miram nele. Hoje, a definição do processo fluido e quebrado das identificações plurilingües na educação pode estar baseado em conceitos e estratégias de regulação. No plano conceitual, além do postulado epistemológico de identificações sem identidade ou referências primordiais, gostaria de enfatizar a substituição da noção de *língua* pela de *repertório plurilingüe*, algo que redefine a competência lingüística de cada um para o conjunto heterogêneo das formas de línguas em contatos variáveis que o identificam em dado momento, qualquer seja seu nível de aquisição ou funções, valorizando de quebra a criatividade da alternância das variedades lingüísticas na comunicação e identificação.

Além do mais, só podemos tentar sair do impasse atuando em torno de uma perspectiva de educação civil calcada no valor de um plurilingüismo que não seja declinada no singular e sim na igual dignidade de todas as formas de plurilingüismo. Mas se queremos que esta saída não seja apenas uma fuga para frente que, ao sensibilizar a instauração de competências plurilingües, marginaliza sem sequer se dar necessariamente conta, os movimentos identitários dos plurilingüismos, em favor de uma lógica de resultados comunicativos, é preciso ir além da noção de *educação em plurilingüismos* rumo àquilo que chamo de uma *educação em multilingüismos* (DAHLET, 2008b, pp. 228-233). É em torno de uma perspectiva *mixilíngüe*, que valoriza aquilo que novamente está em jogo, se tece e se soluciona na mistura, que podemos esperar de fato, em minha opinião, a criação de uma ponte

entre medidas de urgência em favor de composições identitárias associadas a línguas minoradas e projetos alternativos que abram o caminho para *identidades abertas*, ou seja, identidades que reconstruam sem destruir, unindo o que já existe e a novidade ao reconhecimento de formações híbridas.

E a nós, pesquisadores e educadores, cabe acionar esta dialética, registrando tanto a realidade esgotante do plurilingüismo – quando é aderência – quanto seu projeto gratificante – quando é adesão – no campo das práticas não apenas de uma escola e sim de uma sociedade globalmente educativa, se é que queremos ter uma chance de nos tornar todos plurilíngües e assegurar que o plurilingüismo não se pareça com um parêntesis encantado já quase fechado – definitivamente – em um mundo que já se foi.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. (1976): *Positions*. Paris, Editions sociales.
- ARCHIBALD, J. & CHISS, J.-L. (dirs) (2007): La langue et l'intégration des immigrants. Sociolinguistique, politiques linguistiques, didactique. L'Harmattan, Paris.
- BEACCO, J.-Cl. (2007): *L'approche par compétences dans l'enseignement des langues*. Didier, Paris.
- BEACCO, J.-C., CHISS, J.-L., CICUREL, F., VERONIQUE, D. (2005): *Les cultures éducatives et linguistiques dans l'enseignement des langues*, Paris, PUF.
- CASTELOTTI, V., MOORE, D. (dir.) (1997): "Alternances de langues et apprentissages", *Etudes de linguistique appliquée*, 108, Paris, Didier Erudition.
- CASTELOTTI, V. (dir.) (2001): *D'une langue à d'autres. Pratiques et représentations*, Rouen, Presses Universitaires de Rouen, coll. "Dyalang".
- CASTELLOTTI, V., MOORE, D. (2005): "Répertoires pluriels, culture métalinguistique et usages d'appropriation", in BEACCO, CHISS, CICUREL, VERONIQUE (dir.), 107 - 132.

- CERQUIGLINI, B., CORBEIL, J.-C., KLINKENBERG, J.-M., PEETERS, B. (2000): *Le Français dans tous ses états*, Paris, Champs Flammarion.
- CHOMSKY, N. (1965): *Aspects de la théorie syntaxique*, Paris, Seuil, 1971.
- DAHLET, P. (2004): "L'identité à l'épreuve du multiple". *Synergies Italie*, 1, GERFLINT / Librairie de la francophonie, Saint-Etienne – Aoste, pp. 59 - 68.
- DAHLET, P., (2008a): "Les identités plurilingues : enjeux globaux et partages singuliers", in P. MARTINEZ, D. MOORE, V. SPAETH (coord.) *Plurilinguismes et enseignement : Identités en construction*, Paris, Riveneuve, 23 – 45.
- DAHLET, P., (2008b): "Se(trans)former en langues : discours, subjectivités, plurilinguismes", *Dossier de synthèse pour l'Habilitation à Diriger des Recherches*, Université des Antilles et de la Guyane, Schoelcher / Martinique.
- DAHLET (a publicar): "Imaginario del lenguaje y aprendizaje de lenguas", Conferência inaugural, in Actas del 6º Coloquio de Lenguas Extranjeras "Enfoques, perspectivas y retos en la enseñanza y el aprendizaje", Université Autonome Métropolitaine (Mexico), 19 - 20.10.07.
- DERRIDA, J. (1996): *Le monolinguisme de l'autre*. Galilée, Paris.
- ECO, U. (1994): *La recherche de la langue parfaite dans la culture européenne*. Seuil, Seuil.
- GALLIGANI, S., SPAETH, V. & YAICHE, F. (éds) (2005): "Contacts des langues et des espaces frontières et plurilinguisme". *Synergies France*, 4, Gerflint, Saint-Etienne.
- GLISSANT, E. (1999): *Poétique de la relation*. Gallimard, Paris.
- HERNANDEZ, N. (2005): "Lengua materna, identidad y diversidad". *Ciencias Humanas Pensamiento y Cultura* "Diversidad cultural. El valor de la diferencia", LOM / CONALCUTA, Mexico, pp. 197 – 205.
- HERNANDEZ, N. (2007): "Diálogo entre mis lenguas: del conflicto a la creatividad", Comunicação apresentado na Mesa Redonda "Diálogos entre mis lenguas", Libreria Rosario Castellanos – Centro Cultural Bella Epoca, Mexico, 23 mars.

- KRISTEVA, J. (2000): "Ecrire en Français", in CERQUIGLINI, CORBEIL, KLINKENBERG, PEETERS (dir.), 63 – 73.
- LACAN, J. (1966): *Écrit*, Paris, Seuil.
- LACAN, J. (1973): "L'Étourdit", *Scilicet*, 4, 5 – 52.
- LUDI, G., (dir.) (1987): *Devenir bilingue – parler bilingue*, Tübingen, Niemeyer.
- LUDI, G.; Py, B. et alii (1995): *Changement de langage et langage du changement*, Lausanne, L'Age d'Homme.
- LÜDI, G. (1999): "Alternance des langues et acquisition d'une langue seconde", *Cahiers du français contemporain*, 5, 25 – 51.
- LUDI, G. & Py, B. (2002): *Etre bilingue*, Berne, Peter Lang.
- MARTINEZ, P., MOORE, D., SPAETH, V. (coord.) (2008): *Plurilinguismes et enseignement: Identités en construction*, Paris, Riveneuve.
- MOORE, D. (2006): *Plurilinguismes et école*, Paris, Didier.
- MORIN, E. (2001): *La méthode 5. L'humanité de l'humanité. L'identité humaine*. Seuil, Paris.
- PORQUIER, R. & PY, B. (2004): *Apprentissage d'une langue étrangère: contextes et discours*, Paris, Didier, Coll. Crédif-Essais.
- PORTILLA, M. L. (Introducción, selección y notas) (2005). *Visión de los vencidos. Relaciones indígenas de la conquista*. Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), México.
- PY, B., (1992): "Regards croisés sur les discours du bilingue et de l'apprenant ou retour sur le rôle de la langue maternelle dans l'acquisition d'une langue seconde", *Lidil*, 6, 9-25.
- SAUSSURE, F. de (1916): *Cours de linguistique générale*, Paris, Payot, 1913.
- VASSEUR, M.-T. (2005): *Rencontres de langues. Question(s) d'interaction*, Paris, CREDIF - Didier.
- WEBER, M. (1913): "Essai sur quelques catégories de la sociologie compréhensive", in *Essais sur la théorie de la science*, Paris, Presses Pocket, 1992.